

Brasília participa da campanha dos outros

A política partidária e, particularmente, a campanha eleitoral chega a Brasília de maneira mais ou menos sorrateira e a maior parte da população, embora ainda não participe, já a percebe e aprova.

Os cartazes, as inscrições nos muros, os comícios, são realidades novas no Distrito Federal, mas o homem comum já começa a

se acostumar. Uma opinião é unânime: Brasília deveria ter representação política, como o resto do Brasil. Mesmo os descrentes da política, acham uma injustiça que a população de Brasília não escolha os seus representantes.

O **Correio Braziliense** foi às ruas, para conversar com a gente simples da Estação Rodoviária, do Conjunto Nacional, que vem aos sábados curtir um pouco a

Torre de Televisão.

Os mais velhos, que já convivem com a política em suas cidades de origem, têm mais facilidade de conviver com a campanha eleitoral, mas também entre jovens já se notam sinais de percepção e simpatia para com a vida política. Ao que parece, as eleições, que já são o assunto nacional, começaram a ganhar Brasília, que começa a mudar.

O POVO FALA

Maria Joventina Marques, com 60 anos, diz que tem acompanhado pela televisão a política de Brasília. "Eu estou achando animado".

Ela tem título de Alagoas e não sabia que podia requerer sua folha de votação para escolher candidatos alagoanos. Não sabia também o que é voto vinculado e desconhece quem são os candidatos de Alagoas, mas garante que, se votar, vai escolher os candidatos do partido do seu sobrinho, o "Montinho", Lourenço do Monte, que ela não sabe em que partido está.

Maria Joventina diz que gosta muito de política e gostaria de comparecer a um comício em Brasília. "Lá onde eu morava (São Luís do Quitunde, Alagoas) a política ferve. Matavam bois e bois e a comida era lá em casa. Aqui não tem disso não".

Com uma vida política longa ("eu peguei votar em 1942 e votei muito com Arnon de Melo e Teotônio Vilela"), Maria Joventina já começou a explicar a um vizinho de banco que ele poderia requerer a sua folha de votação, para participar das eleições aqui mesmo, em Brasília.

Rosana Mary Brigado veio de São Paulo e está em Brasília há seis anos. Rosana tem somente 13 anos e está estudando. Ela diz que nem ouve falar de política, em casa ou na escola.

Afirmando que não curte política, Rosana Mary, entretanto, não sabe dizer por que.

Ela diz que não sabe nada sobre política, inclusive se em Brasília há eleições para a escolha de candidatos da própria cidade, assegurando somente que seus pais votam.

Pedro Teófilo, vigia, paraense, em Brasília desde 1975, descansava na Estação Rodoviária, quando foi abordado pela reportagem.

Esclarecendo que está "meio por fora", dobrou o exemplar do **Correio Braziliense** e começou a explicar: "Eu trabalho de segunda a sexta. Acordo às quatro horas e, às cinco, pego o ônibus, em Sobradinho, onde moro. Chego às sete da noite, porque eu pego doze horas por dia. De modo que eu não tenho tempo para ficar sabendo de tudo o que está acontecendo na cidade".

Adriane, 15 anos, saía do Con-

junto Nacional, quando foi abordada pelos repórteres do **Correio Braziliense**. A princípio desconfiou e exigiu prévia identificação para responder às perguntas e deixar-se fotografar. Carteiras de identificação na mão, os repórteres finalmente ouviram: "Então está bem".

Nascida em Ubá, Minas Gerais, há seis anos em Brasília, Adriane estuda no INEI e começa logo protestando contra a propaganda eleitoral: "Acho um absurdo. Eles mesmos sujam as ruas, as placas de sinalização. Tinham que fazer uma campanha limpa; não ficar sujando a cidade". Todavia, Adriane reconhece que é um problema geral de época de eleições: "Eu não tenho ido muito à minha cidade, onde a política é bem forte, mas sei que em qualquer lugar é assim".

Adriane não está muito bem informada sobre as eleições, mas sabe que sua mãe, que tem título de Minas Gerais, vai votar. Ela não concorda que Brasília não tenha candidatos próprios, porque todos os outros lugares têm.

"Eu sou também a favor de que Brasília tenha comícios, partidos políticos, tudo. Se todos os lugares têm, por que aqui não?"

Adriane diz que, se votasse, escolheria o PMDB. "Porque eu sou contra o Governo atual".

Maria Tereza Dayrell está passando o fim de semana em Brasília, onde veio fazer a prova do Banco do Brasil. Ela vive em Belo Horizonte, mas tem parentes na cidade e explica que em Minas Gerais o número de candidatos é muito alto.

Atendendo a reportagem do **Correio Braziliense**, vai logo advertindo que não gosta de política: "De jeito nenhum. Não acho legal, acho que é tudo uma sujeira".

Ela confirma que está completamente "por fora" da política de Brasília, embora saiba que o pessoal não pode escolher seus representantes. Embora cética com relação à política, Maria Tereza não acha certo que o Distrito Federal fique à margem das eleições. "Acho que todo mundo deveria votar. Já que é obrigado, todo mundo deveria votar".

Maria Tereza não tem dúvidas em afirmar que o fato de não haver representação política em Brasília "leva um prejuízo para a

cidade".

Quando **Arlindo**, motorista oficial, chegou a Brasília, transferido, fez logo a transferência de seu título de eleitor. Nascido na Paraíba, Arlindo era radicado no Rio de Janeiro, vindo para Brasília em 1960.

Ele explica: "Aqui é aquele problema, não tem eleições. O movimento é dos candidatos de fora, das cidades vizinhas. Mas, para uma cidade onde não vai haver voto, tem um movimento até grande".

Arlindo diz que tem até colegas de trabalho que são candidatos e que tentaram transferir seu título para Goiás, mas ele não aceitou: "Dava muito muito trabalho para ir lá votar..."

O funcionário diz que não está informado sobre a movimentação política, mesmo porque não vai votar, mas acredita que deve haver partidos em Brasília. Diz, inclusive, que já viu "um camarada com altifalante, bem em frente à Lojas Americanas", que acredita ser candidato.

"Se eu fosse obrigado a votar, eu votaria; mas por gosto mesmo, não", afirma Arlindo, que, no entanto, crê que, "se houvesse representação política, seria ótimo para nós que vivemos aqui sem ter ninguém para nos defender. Essa é que é a verdade".

Ele acredita que essa é a situação da maior parte da classe, que não se sente representada pela ASCB. "Olha essa história do 13º".

Maria das Graças, dona-de-casa, dois filhos, diz que não acompanha totalmente a vida política da cidade, mas sabe que está havendo. "Só tenho ouvido falar que está muito quente".

Favorável à representação política, que tornaria a coisa "mais vibrante", Maria das Graças afirma que não é contrária à existência de propaganda política em Brasília. Sobre as inscrições nos muros e a colagem de cartazes, diz: "Acho que é público, então pode colar em toda parte". Maria das Graças diz que não é contrária, também à realização de comícios, embora nunca tenha estado em nenhum.

Ela não vai votar, pois seu título é de Brasília. De Tianguá (Ceará), diz que votaria no partido de João Nunes, da sua cidade, embora não saiba qual é o partido dele.